



Autor: FRANCISCO SALES AREDA

Editor Dila Soares



# **O Exemplo de um Ateu que atirou na Imagem de São José**

Autor — FRANCISCO SALES AREDA

Editor José Soares da Silva (Dila)

## O EXEMPLO DE UM ATEU QUE ATIROU NA IMAGEM DE S. JOSÉ

No meio da raça humana  
Tem tãda classe de gente  
Um casto como a pureza  
Outro brusco inconsciente  
Um justo como a verb-na  
Outro frio como serpente

Nesse meio tem até dêles  
Que descrer na existência  
De Deus o justo juiz  
A luz de tãda ciência  
Que dá vida e conforto  
Paz, amor e refulgência

Outro só crer no diuheiro  
No que pega e dá fé  
Como deu-se o grande exemplo  
Com Renovato Condé  
Que atirou na imagem  
Do sagrado São J. sé

No ano de 52  
Todos sertões da Bahía  
Sofreram u'a grande sêca  
De acabar o que havia  
U'a folha verde nos matos  
Nem p'ra remédio se via

Foi de 7 a 8 meses  
A sêca assoladora  
Destruindo a criação  
Sem pastagem e sem lavoura  
Causando assim o lamento  
Sem a fonte produtôra

Canudos foi o sertão  
Que mais sofreu nesse ano  
Ali todos fazendeiros  
Do velho solo Baiano  
Sofreram com agonia  
Esse fracasso tirano

Já depois de muitos meses  
Que a sêca assolava a terra  
A cigarra de verão  
Chiava fazendo guerra  
Urta o gado no campo  
Gritava o mocó na serra

Todos fazendeiros vendo  
A sêca tirana e forte  
Se conformavam pedindo  
Que Jesus lhes desse sorte  
De cair um bom inverno  
Livrando a fome e a morte.

Mas em todo meio existe  
Um espirito agitador  
E Renovato Condé  
Era um ateu corrutor  
Lá no sertão de Canudos  
Era o maior criador

Quando êle viu a sêca  
Devorando a criação  
Secando as canas na várzea  
Com a maior sequidão  
Ele já era ruim  
Cresceu mais a agitação

Começou a blasfemar  
Com praga insulto e pilhéria  
Dizendo não existir  
Poder nem força Etéria  
Se Deus fôsse justo e bom  
Não fazia essa miséria

A mulher disse meu velho  
Você não tem coração  
Ele meteu-lhe a munheca  
Que rodou como pião  
Dezandou de casa a dentro  
Caiu no pé do fugão

A ama saiu correndo  
No meio daquela zuada  
Renovato deu-lhe um chute  
Que a pobre negra coitada  
Caiu no meio do terreiro  
Se levantou derrengada

Ali puxou o revólver  
E gritou em alta escala  
Apareça êsse Deus  
O povo nele fala  
Que só digo quele é grande  
Se não cravá-lo de bala

Nessa hora ali por perto  
Não ficou um só vivente  
Ele de arma em punho  
Rugia como serpente  
Dizia apareça Cristo  
P'ra tu morrer novamente

E como não viu ninguém  
Para com ele brigar  
Renovato olhou prô Sol  
E começou blasfemar  
Desce sol quente da peste  
Que quero de esbagaçar

Choveu balas para cima  
Com sua ira infernal  
Gritando quede o Deus  
Tudo é conversa banal  
Quem manda nesta porquera  
É dinheiro, bala e punhal

Entrou pela casa a dentro  
Maneiro como uma rêde  
Pegou um gato no rabo  
E estourou na parede  
Atirou num papagaio  
Só porque êle era verde

E saiu virando tudo  
Que dentro de casa havia  
Até que entrou no quarto  
Aonde a ama dormia  
Começou esbagaçando  
O que ali existia

A mulher daquele infame  
Desde moça possuía  
A imagem de São José  
Que adorava-o todo dia  
Tão escondida de formas  
Que o Ateu não sabia

Era u'a imagem galante  
Tôda em madeira pura  
Tendo quase meio metro  
Feita em fina escultura  
Renovato encontrou ela  
Gritou com tôda loucura

Olha Calunga safado  
Vou rasgar o teu caderno  
Onde está o teu poder  
Que já não mandasse inverno  
Mas tu agora na bela  
Ou manda ou vai p'ro inferno

Puxou p'ra fora a imagem  
E jogou no meio da sala  
Deu seis tiros de revólver  
E disse tremendo a fala  
Tu agora manda inverno  
Ou te derreto na bala

E foi baixando a arma  
Para atirar novamente  
Porém suspendeu o braço  
Porque sentiu fortemente  
Que um mistério oculto  
Lhe atacava geralmente

Começou ouvindo uma voz  
Deus está te ouvindo  
Ele olhava a imagem  
E via sangue saindo  
De cada furo das balas  
De pingo em pingo caindo

Nessa hora Renovato  
Sentiu um assombro em geral  
Deixou a casa e correu  
Por dentro do matagal  
La gritar terminava  
Rinchando como animal

Passou o dia e a noite  
Perdido entre a folhagem  
Sem água sem alimento  
Já lhe faltando a coragem  
E p'ra onde ele olhava  
Estava vendo a imagem

Nisso ouviu umas pisadas  
A poucos passos de escala  
U'a vez fanhosa e triste  
Gritava partindo a fala  
Está na hora está na hora  
Renovato mete bala

Ele naquela agonia  
Viu junto dele um gato  
Mais preto do que carvão  
Arranhando no sapato  
E a voz triste dizendo  
Mete bala Renovato

Já morto de fome e sede  
Desceu por um grutilhão  
Caiu no pé d'uma árvore  
P'ra morrer sem proteção  
Nisso sentiu um desejo  
Que lhe deu animação

Porque ouviu uma voz  
No seu ouvido dizer  
Renovato teu orgulho  
Foi quem te fez padecer  
Mas São José é bondoso  
E poderá te valer

Renovato criou na alma  
Uma esperança com fé  
E prometeu construir  
Na fazenda Jacaré  
Uma capela onde ele  
Adorasse São José

Nesse momento ouviu  
Gente por êle chamando  
Era o povo da ribeira  
Que ia lhe procurando  
Encontraram êle caído  
No pé da árvore arquejando

Fizeram um pronto socorro  
Com a maior emergência  
Para que ele escapasse  
Trataram com paciência  
Mas ali ninguém sabia  
De sua nova influência

Aquela mesma imagem  
Tôda gravada de bala  
Ele chamou um escultor  
E mandou reencarná-la  
Fez capela colocou-a  
Sòmente a fim de adorá-la

Então quando Renovato  
Findou os trabalhos seus  
Chamou todo mundo e disse  
Nunca mais serei ateu  
Vou adorar São José  
E pedir perdão a Deus

Aquela grande fazenda  
De Renovato Cunyé  
Daquele dia em diante  
Deixou de ser Jacaré  
E ficou sendo chamada  
De fazenda São José

¶ foi um exemplo profundo  
¶ só não crer quem fôr algóz  
¶ todos posso afirmar  
¶ lembrando de viva voz  
¶ entre todos precipícios  
¶ só Deus é quem vale nós

Procure do mesmo autor :

Os 2 Heróis do Deserto - 32 pgs  
A Vida de Zé Dovoto e o Negro  
Funrunduudum - 32 pgs.  
O Cachorro e o Vagabundo - 32 pgs.  
e outros com os de minha autoria

- DILA